BEM-AVENTURADOS OS CASTOS: OS ATOS DE PAULO E TECLA E A DESCONSTRUÇÃO DO SISTEMA PATRIARCAL

Blessed Are the Chaste: The Acts of Paul and Thecla and the Deconstruction of the Patriarchal System

Carlos Alberto Silva
carlosalbertosbc@uol.com.br
Mestrando em Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo

Denilson da Silva Matos
smdenilson@gmail.com
Mestrando em Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo

RESUMO

O presente ensaio pretende apresentar a narrativa conhecida como Atos de Paulo e Tecla, destacando a visão de patriarcado estabelecida nas províncias romanas da Ásia e como os Atos de Paulo e Tecla se relacionou com essa questão, principalmente, as questões referentes ao casamento e à castidade. Para tanto, oferecemos uma visão sobre as personagens e do enredo a partir da análise quinária da composição narrativa propostas por Marguerat e Bourquin, compreendendo: (1) situação inicial; (2) nó; (3) ação transformadora; (4) desenlace; (5) situação final.
Palavras-chave: Cristianismo primitivo — patriarcado — Atos Apostólicos Apócrifos — Paulo e Tecla — narratologia.

ABSTRACT

This essay intends to present the narrative known as Acts of Paul and Thecla, highlighting the vision of patriarchy established in the Roman provinces of Asia and how the Acts of Paul and Thecla were related to this issue mainly matters relating to marriage and chastity. Therefore, we offer an insight into the characters and of the plot from the quinary analysis of narrative composition proposed by Marguerat e Bourquin, comprising: (1) initial situation; (2) complication; (3) transforming action; (4) denouement; (5) final situation.
Keywords: Early Christianity — patriarchy — Apocryphal Apostolic Acts — Paul and Thecla — narratology.

Introdução

Embora nossa aproximação aos Atos de Paulo e Tecla se efetuará pela via literária, é de suma importância destacar uma breve introdução acerca da composição, lugar de origem, data e autor desse escrito.

Os Atos de Tecla estão inseridos dentro dos Atos de Paulo. O texto foi transmitido em uma tradição particular: não é tanto Paulo que está em destaque na narrativa, mas Tecla. Embora tenhamos possíveis registros sobre Paulo, tais como seu sermão em Icônio, sua defesa diante do governador, seu encontro com Tecla fora de Icônio e em Mira, estes não alteram em nada o fato de que se trata mais dos Atos de Tecla do que dos Atos de Paulo[1]. Possivelmente o "autor" dos Atos de Paulo absorveu o texto independente dos Atos de Tecla e os moldou em seu livro. Não é possível identificar uma reminiscência histórica na lenda de Tecla, mesmo se existiu uma mulher chamada Tecla, que foi convertida por Paulo. A tentativa para fornecer provas históricas para ela é inútil.

Tertuliano, em sua obra *De Baptismo*, no capitulo 17, numa observação sobre Atos de Paulo, mencionando os Atos de Tecla, que possivelmente nesta época já circulava integrado aos Atos de Paulo[2], nos fornece a informação que os Atos de Paulo foi escrito e/ou editado por um presbítero da Ásia[3]. De acordo com Bremmer, a observação feita por Tertuliano, apontando o possível lugar de origem dos Atos de Tecla na Ásia, se sustenta ao observarmos que o "autor" utiliza uma terminologia para definir seus protagonistas como "os principais da cidade", a menção a "Via Sebaste", as localidades Icônio e Antioquia, e muitos outros. Dessa forma, não há razão para "duvidar de sua informação que o autor dos Atos de Tecla foi um presbítero masculino"[4]. No entanto, Barrier acredita que partes dos Atos de Tecla podem ter sido escritas por uma mulher ou por uma comunidade de mulheres[5] no início do segundo século, e chegado à Ásia editadas por um presbítero que os nomeou de *Os Atos de Paulo*.

A data sugerida para os Atos de Tecla geralmente é a segunda metade do II século a.D. Essa data também é influenciada pela obra de Tertuliano, que fora escrita por volta do ano 196 e 206 a.D.[6] Bremmer aponta uma data em torno de 160 a.D., ao sugerir que a evidencia sobre a inscrição Romana de uma Pompeia Sosia Falconilla, esposa de um cônsul Romano na Sicília por volta do ano 169 a.D., é a fonte que fornece o nome Falconilla para a filha da Rainha Trifena nos Atos de Tecla[7]. Há pesquisadores que procuram localizar os Atos de Tecla a um encontro histórico com Paulo, entre os anos 40 a.D., no entanto,

[1] SCHNEEMELCHER, Wilhelm (ed.). *The New Testament Apocrypha*: Writings Relating to the Apostles, Apocalypses and Related Subjects. Philadelphia: Westminster, 1965, p. 221.

[2] BREMMER, Jan N. *The Apocryphal Acts of Paul and Thecla*. Kampen: Kok Pharos, 1996, p. 56.

[3] BARRIER, Jeremy W. *The Acts of Paul and Thecla*: A Critical Introduction and Commentary. Fort Worth, TX: Henderson, 2000, p. 45.

[4] BREMMER, 1996, p. 57.

[5] BARRIER, 2000, p. 45.

[6] BARRIER, 2000, p. 46.

[7] BREMMER, Jan N. *The Apocryphal Acts*: Authors, Place, Time and Readership. The Apocryphal Act of Thomas. Leuven: Peeters, 2001, p. 153.

essa hipótese é problemática pelo fato da historicidade de Tecla ser considerada altamente improvável[8]. Partiremos agora para uma análise literária dos Atos de Paulo e Tecla.

Análise narrativa

Os personagens

Os atos de Paulo e Tecla possuem um número relativamente alto de personagens: trinta e sete. Nessa relação estão aqueles que recebem uma descrição aprimorada – personagens redondos – e aqueles que aparecem como figurantes na trama – os personagens planos[9]. Limitaremos nos a apresentar alguns que são importantíssimos para o desenvolvimento do enredo, a saber: Paulo, Tecla, Tamiris, Teoclía.

Paulo

Paulo atua como figura importante na narrativa ao lado de Tecla. A sua vinda à Icônio, depois de sua fuga de Antioquia, dá início a narrativa (1). Ele é apresentado como um homem amoroso (1.1-2); pregador da palavra de Deus: continência e ressurreição (5.1), a pureza, a fé em Cristo e a oração (7.1); Em contra partida, é visto por Teoclía, mãe de Tecla, como um estrangeiro que prega palavras brilhantes e enganosas (8.2), que agitava a cidade de Icônio, pois ensinavam as mulheres e os jovens que se deve adorar a um só Deus e viver castamente (9.1); é visto por Tamiris como um sedutor das almas de jovens e virgens, que as enganam para que não se casem e permaneçam como está (11.2), o que é confirmado por Hermógenes e Dimas (12.1); também é visto pela multidão de Icônio como Mago (15.2); Sua imagem é entrelaçada por Tecla à imagem do Senhor (21.2); Ao reencontrar-se com Tecla no caminho de Icônio a Dafne, Paulo finge não conhecer a Tecla diante de Alexandre em Antioquia trazendo dúvida a sua real característica de bom (26.1); por fim Paulo reaparece em Mira, para seu reencontro final com Tecla e despedida (41.1).

Tecla

Se Paulo atua como figura importante na narrativa, Tecla, no entanto, é a figura central da trama. Sua evolução na narrativa pode ser vista com mais clareza. Tecla é apresentada pela primeira vez na narrativa como uma virgem e prometida em casamento a um homem nobre da cidade de Icônio (7.1); porém, se encontra impressionada por Paulo e seu ensinamento (10.2), a ponto de ir visitá-lo no cárcere à noite para ouvi-lo (18.1); é condenada a morrer pela fogueira, considerada inimiga do

[8] BARRIER, 2000, p. 47.

[9] MARGUERAT, Daniel; BOURQUIN, Yvan. *Para ler as narratias bíblicas*: iniciação à análise narrativa. São Paulo: Loyola, 2010, p. 78.

matrimonio (20.2); após ser salva por Deus da fogueira (22.1-2), decide juntar-se novamente a Paulo (23.2), e segui-lo no caminho (25.1); em Antioquia é abandonada por Paulo a fim de demonstrar a sua fé ante os cidadãos de Antioquia (26.1) após ser cobiçada por Alexandre, sendo condenada às feras tendo se negado a ser possuída por ele (26.2); antes dos jogos Tecla é acolhida pela rainha Trifena, que a adota como filha (29.1), e Tecla roga a Deus pela sua filha Falconila que estava morta, ressaltando a autoridade dada por Deus a ele (29.2); na arena Tecla se "auto batiza" (34.1), e é salva milagrosamente das feras após a suposta morte da Rainha Trifena nos portões da arena (36.1-37.1); em seguida Tecla dá testemunho ao governador da ação salvífica de Deus para com ela diante das feras (37.1b-38.1); Tecla repousa na casa de Trifena, e ensinando a palavra de Deus, converte a todos daquela casa (39.1-2); Novamente encontra-se fortalecendo os irmão em Mira (41.1), e parte para Icônio com a tarefa de ensinar a palavra de Deus; ao se encontrar com sua mãe anuncia a palavra para ela (43.1a); depois partiu para a Seleucia para anunciar e ensinar a palavra, e depois de haver iluminado muitos com a palavra de Deus, dormiu/faleceu (43.1b).

Tamiris e Teoclía

Estes dois personagens da narrativa aparecem juntos em boa parte da história. Eles só se separam nos capítulos 11-17, onde a narrativa fala do encontro de Tamiris com Dimas e Hermógenes, na tentativa de sondar a vida e os ensinamentos de Paulo. Preocupada com a atitude da filha, Teoclía manda chamar a Tamiris, o noivo de Tecla, na tentativa de convencer Tecla de se afastar de Paulo (8-10); Teoclía diante do tribunal exclama em gritos a execução de sua filha (20.2); os dois reaparecem somente no final da narrativa, quando ao retornar para sua terra natal, Tecla não encontra mais Tamiris, pois já havia morrido, mas Teoclía sua mãe ainda vivia (43.1).

Análise do enredo

O enredo da composição narrativa dos Atos de Paulo e Tecla será analisado, neste ensaio, através do método quinário proposto por Marguerat e Bourquin em *Para ler as narratias bíblicas: iniciação à análise narrativa*, a fim de compreendermos a estrutura narrativa dos Atos de Paulo e Tecla e sugerir um comentário sobre o texto.

Os Atos de Paulo e Tecla podem ser divididos em duas partes: 1) Acontecimentos em Icônio; 2) Acontecimentos em Antioquia. Na primeira parte, a *situação inicial* é visível nos primeiros capítulos da trama. Paulo depois de sua fuga de Antioquia chega à Icônio acompanhado de Demas e Hermogenes (1). Recebido por Onesíforo em sua casa (5), Paulo diante dos presentes faz a sua primeira homilia concernente a continência e a ressurreição (5-6). O *nó narrativo* se dá no momento em que Tecla, "virgem e prometida a um homem por nome Tamiris" (7), se convence do discurso pronunciado por Paulo "sobre a pureza, a fé em Cristo e a oração" (7). A mãe de Tecla, Teoclía, descontente e desconfiada com a atitude de sua filha, que se encontra "apegada a um estrangeiro que prega palavras brilhantes e enganosas" (8), mandou buscar seu noivo, Tamiris, para tentar convencê-la de sua quebra de decoro (9-10). Seu insu-

cesso latente leva-o a denunciar o apóstolo ao tribunal como um subversivo e destruidor dos costumes da cidade de Icônio (15). Paulo é interrogado; Tecla diante do povo e de sua mãe ignora as palavras do governador que a questionava: "porque não se casa com Tamiris, segundo a lei dos Icônios? é condenada a ser queimada na fogueira, e Paulo a ser flagelado e expulso da cidade (20-21). A *ação transformadora* ocorre no momento em que Tecla está sobre a lenha acesa, e as chamas milagrosamente não à tocava, mediante a intervenção de Deus. O *desenlace*, que no caso seria a etapa simétrica do nó, ou seja, o anúncio da resolução do problema anunciado, revela-se em Deus compadecido dela, seguida de sua libertação da fogueira mediante uma forte tempestade que extinguiu o fogo (22). Destaca-se nesse momento Sua coragem diante do procônsul, a sua iniciativa de escalar a pira de madeiras para ser queimada, e principalmente o testemunho público de sua fé. A *situação final* é exposta no novo estado de liberdade adquirido por Tecla, o que a permite lançar-se na busca pelo reencontro por Paulo.

Na segunda parte, ou seja, os acontecimentos em Antioquia, a *situação inicial* apresenta o reencontro de Tecla com Paulo numa tumba no caminho de Icônio a Dafne (23), a celebração da eucaristia dos dois juntamente com a família de Onesíforo (25), e o insistente desejo de Tecla em seguir a Paulo (25). O *nó narrativo* se instaura no momento em que Paulo e Tecla chegam à Antioquia. Certo Alexandre, "cidadão importante da cidade", possivelmente um sacerdote[10], se apaixonou por Tecla, e desejou compra-la de Paulo (26). Paulo, porém, finge não conhecer a Tecla dizendo que ela não pertencia a ele. A passividade de Paulo na cena que os dois se encontram com Alexandre em Antioquia, a princípio parece surpresa, porém, essa atitude deixa livre o caminho para ela provar a qualidade de sua fé[11]. Tecla, no entanto, rejeita a Alexandre, e atesta que ela era uma "principal dos Icônios", e que havia sido expulsa da cidade por negar-se a se casar com Tamires, ou seja, ela não tinha preservado sua castidade em Icônio para perdê-la em Antioquia. Tecla ao se defender do assédio de Alexandre ridiculariza-o despindo de sua coroa e de sua capa, o que culmina na sua condenação às feras pelo governador (27). A *ação transformadora* dessa vez é desempenhada por uma série de intervenções no momento da luta contra as feras. Primeiramente Tecla é solidariamente protegida das feras por uma leoa (33); Ao adentar em uma espécie de compartimento com focas furiosas, um relâmpago assassina as focas libertando-a do perigo (34); Por fim, temos a intervenção da Rainha Trifena, que ao achar que Tecla havia morrido, desmaia e é atestada como morta, o que causou espanto em Alexandre e ao governador da cidade, na possibilidade de intervenção romana, pelo fato de uma parenta do Imperador ter morrido "junto às portas (da arena)" (36). O *desenlace* encontra-se na postura assumida por Tecla após sua libertação. Novamente se destaca sua coragem, agora diante das feras, e seu firme testemunho em relação ao questionamento feito pelo governador: "Quem és tu e a quem tens ao seu redor, que nenhuma fera tem te tocado" (37), ela prontamente responde "sou serva do Deus vivo, e o que (me protege) ao meu redor é a fé que tenho no Filho de Deus." (37). A execução de Tecla assemelha-se a execuções dos mártires, todavia, no caso de Tecla martírio não necessariamente era sinônimo de morte, mas a confissão de sua fé no âmbito público ou privado. A *situação final*, diferentemente de outros relatos de martírio, como no caso de Perpétua e Felicidade juntamente com seus colegas catecúmenos, não se dá

[10] BREMMER, 1996, p. 50.

[11] BREMMER, 1996, p. 50.

em sua morte[12], mas no reencontro de Tecla com Trifena (39), com Paulo (40), com sua mão Teoclía (43), e sua morte "depois de haver iluminado a muitos com a palavra de Deus" (43).

É possível perceber que nos Atos de Paulo e Tecla o fio narrativo que perpassa toda a trama é caracterizado pelo *nó narrativo*, tanto nos eventos que acontecem em Icônio, quanto nos acontecimentos em Antioquia. A trama gira em torno do conflito causado entre o discurso de um apóstolo cristão estrangeiro e um sistema cultural estabelecido nas cidades provinciais do Império Romano na Ásia. Propomos, então, analisar os Atos de Paulo e Tecla destacando as cenas que envolvem este conflito entre o discurso do Apóstolo Paulo e o discurso cultural estabelecido nessas cidades. Assim, na tentativa de reconstruir esse sistema cultural estabelecido nas cidades provinciais do Império Romano na Ásia, primeiramente utilizaremos a obra de Judith Perkins, *Roman Imperial Indentities in the Early Christian Era*. Em seguida, confrontaremos essa análise com a narrativa dos Atos de Paulo e Tecla.

Construção do patriarcado

Judith Perkins, ao falar da grande mudança política e social ocasionada pelo emergente Império Romano, destaca a transformação que as províncias de fala grega tiveram que enfrentar com a nova forma de organização social proposta por esse governo. Perkins, também destaca a importância que o Romance grego, também conhecido como Romance de Herói, desempenhou nesse período, na criação de "uma nova subjetividade, um particular auto entendimento, para a elite masculina grega desse período".[13]

No período Romano, a elite Grega não foi impotente. Embora fosse subordinada a Roma, eles compartilhavam interesses mútuos. As elites locais – os nobres, os melhores, e os mais ricos – eram recrutados como colaboradores/assistentes (συνεργοιω) para governar seu vasto império, o que garantiam a eles os benefícios que seu status proporcionava[14]. Com isso, segundo Perkins, tanto os escritos políticos, quanto os Romances de Herói, desse período – conhecido como Segunda Sofística - serão utilizados como estratégias literárias para fortalecer este status da elite de fala grega.[15]

Uma forte crítica que recai sobre os heróis do Romance é sua passividade, uma vez que não esboçam uma iniciativa corajosa no resgate de sua pessoa amada. Alguns pesquisadores têm atribuído a passividade dos heróis à construção de uma nova versão de paixão sexual, baseada sobre a simetria erótica dos amantes, e substituindo o tradicional ativo/passivo, dominante/submisso paradigma sexual. Em sua leitura, Perkins observa que a não agressividade, não competitividade e compromisso em obter seus objetivos do romance de herói, não renuncia o patriarcado, pois "representa precisamente o tipo de comportamento valorizado nos escritos políticos contemporâneos e contribui para o contemporâneo

[12] CARDOSO, Silas Klein; SILVA, Carlos Alberto. Identidade e autoridade no cristianismo primitivo: introdução ao Martirio de Perpétua e Felicidade. *Oracula*, v. 10, n. 15, p. 39, 2014.

[13] PERKINS, Judith. *Roman Imperial Indentities in the Early Christian Era*. Londres: Routledge, 2008, p. 62.

[14] PERKINS, 2008, p. 63.

[15] PERKINS, 2008, p. 64.

discurso político e social sobre o poder"[16]. O Romance celebra o patriarcado destacando em seu enredo, o objetivo principal do casal a união em casamento, que segue o modelo de casamento patriarcal.

O casamento e sua harmonia familiar tem destaque também nos escritos políticos, pois promovem a importância de e necessidade de harmonia cívica. Assim como na família há papeis a serem cumpridos, e a harmonia no lar depende disso, a harmonia da cidade depende do reconhecimento de cada um seu papel para o perfeito funcionamento da vida cívica. Os escritos políticos incitam cidades a eliminar seu faccionalismo, e seus conflitos internos, e a obedecerem às decisões propostas pela Elite, a fim de manterem a harmonia social e evitarem uma possível intervenção Romana. Esta conduta deve também estar presente entre a própria elite. Plutarco utiliza-se da subordinação Grega a Roma para sustentar seu argumento contra a disputa de poder pelas elites de fala grega. A competição entre a elite demonstra uma insensatez, visto que a realidade de sua situação especifica é subordinação no contexto da supremacia Romana.[17]

O Romance de Herói constrói no seu herói um sujeito semelhante ao construído pelos escritos políticos. O herói encarna os valores sociais e morais, não deve ser visto de forma realista, mas como modelo ou tipo de ator social para a reflexão cultural[18]. Duas pessoas bem nascidas, ricas, belos jovens, se encontram e perdidamente apaixonados. Após este encontro, o casal é separado, e sofrem terríveis provações. Mesmo distantes um do outro, o casal expressa o seu desejo de reencontro, e seu vínculo amoroso. O Romance termina com o reencontro e/ou casamento do casal, e a recuperação de sua vida privilegiada e seu status de elite[19]. Destaca-se, todavia, não o momento do primeiro encontro do casal, tampouco seu reencontro e casamento no final da trama, - o que ocupa pouco espaço na narrativa - mas a perca de status e sua recuperação. "A maior parte do romance oferece uma meditação do que se esperar se uma pessoa de repente perder a sua posição privilegiada e tornar-se responsável perante o sofrimento, as punições, e falta de autonomia dos sem privilégio".[20]

Na figura da pessoa amada se encontra tudo que possibilita a vida ser mais agradável, consequentemente se transforma em posse de tudo aquilo que participa da vida do outro: beleza, riqueza, status e privilégio. O romance conta uma história tanto sobre ameaça de status e sua recuperação, quanto sobre a almejada união dos amantes separados[21]. No herói como objeto de desejo se constrói uma metonímia para a boa vida, e o casal atua como uma personificação dos privilégios sociais.

Nos romances de aventuras, os gregos foram contando para si mesmos o quanto seu status significa para eles, e o que precisou ser feito para mantê-lo[22]. Tanto os escritos políticos, quanto os Romances de

[16] PERKINS, 2008, p. 65.

[17] PERKINS, 2008, p. 67.

[18] PERKINS, 2008, p. 72.

[19] BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética*: a teoria do romance. São Paulo: Unesp, 1998, p. 4.

[20] PERKINS, 2008, p. 73.

[21] PERKINS, 2008, p. 73.

[22] PERKINS, 2008, p. 75.

Herói, foram veículos utilizados pela Elite de fala grega para inculcar a lição, que a perda de status significa não somente a perca da beleza, mas de sua própria identidade. Que era necessário reconhecer a subordinação a Roma e sua supremacia, mas também que este mesmo império concedeu os privilégios desfrutados pela elite, que como assistentes do império deveriam manter a ordem e a harmonia cívica, eliminando uma possível intervenção romana, e consequentemente a perca do status alcançado.

Os Atos de Paulo e Tecla x a construção do patriarcado

Teoclía acusa Paulo de perturbador de toda a cidade, em particular suas mulheres e homens jovens, através de seus ensinamentos de um único Deus e viver em castidade (9). A castidade também pode ser encontrada nos Romances Gregos, e até mesmo em nossa narrativa nas palavras da mãe de Teoclía a Tamires: "...está tão apegada a um estrangeiro que prega palavras brilhantes e enganosas, que me estranho como seu pudor virginal pode turbar-se tão terrivelmente" (8). A cena em que se encontra Paulo pregando na casa de Onesíforo (5-7) pode sugerir magia erótica, pelo motivo das recorrentes referências ao "δεδεμενη", (amarração, vinculo, ligação, amarração) como pode ser visto em exemplos de romances gregos que tratam do mesmo assunto[23]. Na lei grega não tinha uma ação contra a magia *per se*, mas isso tinha mudado no tempo romano, quanto à mágica tinha se tornado um crime muito sério[24]. Nesse caso, temos uma diferença contrastante quanto ao objetivo da castidade. No caso dos costumes culturais estabelecidos nas cidades, a castidade destinava-se ao casamento, ao futuro marido. No discurso cristão Paulino, a castidade destinava-se a viver inteiramente para Deus (6).

Paulo é levado ao procônsul para ser julgado sob a seguinte acusação: "não sabemos de onde é esse homem, que não permite as jovens se casarem" (16). Nesse evento há algumas incongruências que devem ser destacadas: 1) Os Romanos tinham instituído um sistema legal na qual o procônsul julgaria inquéritos judiciais nas principais cidades da sua província. Porém, nesse sistema suspeito, tinha que frequentemente esperar muito tempo para que um procônsul chegasse em sua cidade. Somente na ficção ele está imediatamente disponível[25]. 2) O procedimento legal romano era acusatório, não inquisitório. Tamires, ao trazer Paulo diante do tribunal deveria ter trazido consigo uma acusação formal, fazia parte do procedimento, porém ele pede ao procônsul que questione a Paulo sobre seus ensinamentos. Esse caso teria acontecido quando os cristãos não eram ainda bem conhecidos? É possível que sim, porém na literatura essas incongruências não são consideradas de todo erradas, no mundo da literatura tudo é possível.

O fato é que a acusação feita a Paulo é circunscrita ao âmbito do matrimônio, ele "não permite as jovens se casarem". Tecla é acusada por sua própria mãe de sacrilégio, "ímpia, inimiga do matrimônio", ao negar-se "casar com Tamires segundo a lei dos icônios" (20-21). Seria uma ameaça ao patriarcado e família tradicional?

[23] BREMMER, 1996, p. 42.

[24] BREMMER, 1996, p. 45.

[25] BREMMER, 1996, p. 46.

Na segunda parte da narrativa, em Antioquia, temos novamente um choque de posições. Embora a passividade de Paulo na cena que os dois se encontram com Alexandre em Antioquia, a princípio parece surpresa, porém, essa atitude deixa livre o caminho para ela provar a qualidade de sua fé. O conflito novamente se instaura na negação de Tecla em ser tomada em matrimônio (26). Ao tentar agarrá-la a força, Tecla ridiculariza Alexandre, um dos principais da cidade, que pelo modo como estava vestido possivelmente era um sacerdote (26). Ela rejeita a Alexandre, e atesta que ela era uma "principal dos Icônios", e que havia sido expulsa da cidade por negar-se a se casar com Tamires, ou seja, ela não tinha preservado sua castidade em Icônio para perdê-la em Antioquia. Desta vez, Tecla é destinada a lutar com as feras (27).

Comumente acontecia antes dos espetáculos e jugos de feras e gladiadores, se formava um cortejo com os participantes. Tecla atada a "uma leoa que lambia seus pés", o que causava espanto no povo, trazia também consigo "o motivo de sua condenação, inscrita sobre ela, se lia: Sacrílega" (28). Uma vez mais Tecla é retratada na narrativa como inimiga do matrimônio, abandonando de vez o sistema cultural pré-estabelecido.

É evidente que o redator dos Atos de Paulo e Tecla sublinha o auto status de independência das mulheres de alta classe na Ásia Menor, cujo protagonista de sua narrativa é representante. Segundo Bremmer, o retrato dessas mulheres nos atos de João e Paulo demonstra que eles estavam conscientes do alto status delas e usaram um alto grau de independência que nós não associamos normalmente com as mulheres gregas. As mulheres de alta classe vinham conquistando grande riqueza e influencia na Ásia Menor nos primeiros séculos do império romano, o que fica evidentemente que essas mulheres vinham conquistando libertação na medida do possível neste período.[26]

A postura de Tecla pode ter influenciado muitas mulheres a desejar a mesma independência, como nos atesta Tertuliano (*De Baptismo*) que o comportamento de Tecla havia inspirado mulheres cartaginenses a pedir o direito de batizar e instruir. Essa postura é sancionada por Deus, quando Ele a liberta de seus infortúnios, tanto na primeira condenação à fogueira em Icônio (22), quanto na segunda condenação em Antioquia às feras (34-39), causados pela postura patriarcal estabelecida. Em seguida por Paulo em Mira, dizendo "Vá e ensine a palavra de Deus" (41). Os Atos de Paulo e Tecla não só demonstra o poder da Palavra, mas também demonstra o poder de um texto.

O casamento e o divórcio no mundo greco-romano eram, segundo Yarbrough, fios de uma intrincada rede de relações sociais, cujos modelos variavam imensamente. Tinham, simultaneamente, aspecto público e privado; mesmo as relações mais íntimas do casal possuíam implicações públicas. As fontes para o estudo do casamento e do divórcio no mundo greco-romano são literárias e arqueológicas, porém com relação à fonte literária esta deve ser analisada com cautela uma vez que foi produzida por pessoas dos círculos elitistas e, portanto refletem seus valores e pontos de vista, ou seja, repercutem os valores dos homens bem educados e ricos das sociedades grega romanas. Foram escritos por eles e para eles e, na maioria das vezes, quando referenciadas na dramaturgia grega e romana, fazem parte da comédia e quando referenciadas na poética aparecem na sátira.[27]

[26] BREMMER, 1996, p. 58.

[27] YARBROUGH, O. Larry. Paulo, o casamento e o divórcio. In: SAMPLEY, Paul, J. (org.). *Paulo no mundo greco-romano*: um

A finalidade do casamento romano era gerar filhos legítimos – *liberorum quaerundorum causa* - conforme registrado em muitos documentos legais, epitáfios, poesias e comédias, podem afirmar que o papel do casamento era o bem público e não uma questão particular entre um homem e uma mulher ou entre duas famílias que combinavam o casamento deles. Assim, o texto de Atos de Paulo e Tecla ao afirmar que Tecla estava prometida para Tamiris, e logo em seguida destaca conversão de Tecla a partir do discurso do Apóstolo, e a total aversão de Tecla ao casamento, ele se caracteriza como uma narrativa de resistência aos padrões e às autoridades romanas, mas não apenas isso, evidencia também o movimento de libertação das mulheres, tanto na esfera social, mais precisamente na Ásia, quanto dentro do novo sistema de linguagem criado pelos primeiros cristãos.

Considerações finais

Nesta análise do enredo dos Atos de Paulo e Tecla foi possível destacar o elemento desencadeador de todo o conflito descrito na narrativa: a negligência do matrimônio, tradicionalmente constituído no mundo greco-romano. O autor dos Atos de Paulo e Tecla, através de seu escrito, criticou os padrões de família estabelecido nas províncias romanas da Ásia Menor, e mediante sua nova maneira de conceber a sua sexualidade, os primeiros cristãos teria desestabilizado o modelo de família constituído no mundo greco-romano.

Esse novo modelo proposto pelos AAA ameaçou a harmonia cívica conquistada pelas Elites das províncias romanas, que concebia privilégios e status, tanto divulgados nos escritos políticos e Romances de Herói grego, criando um retrato dos primeiros cristãos como inimigos da sociedade e praticante de magia erótica.

Além disso, uma questão é levantada com respeito aos Atos de Paulo e Tecla: Juntamente com a recusa de sacrificar ao Imperador, como no caso de Perpétua e Felicidade, o discurso sobre a castidade, que negligência o matrimônio greco-romano, teria sido um motivo recorrente para martirizar cristãos por parte do Império?

Referências bibligráficas

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética*: a teoria do romance. São Paulo: Unesp, 1998.

BARRIER, Jeremy W. *The Acts of Paul and Thecla*: A Critical Introduction and Commentary. Fort Worth, TX: Henderson, 2000.

BREMMER, Jan N. *The Apocryphal Acts*: Authors, Place, Time and Readership. The Apocryphal Act of Thomas. Leuven: Peeters, 2001.

compêndio. São Paulo: Paulus, 2008.

_____. *The Apocryphal Acts of Paul and Thecla*. Kampen: Kok Pharos, 1996.

CARDOSO, Silas Klein; SILVA, Carlos Alberto. Identidade e autoridade no cristianismo primitivo: introdução ao Martirio de Perpétua e Felicidade. *Oracula*, v. 10, n. 15, 2014.

MARGUERAT, Daniel; BOURQUIN, Yvan. *Para ler as narratias bíblicas*: iniciação à análise narrativa. São Paulo: Loyola, 2010.

PERKINS, Judith. *Roman Imperial Indentities in the Early Christian Era*. Londres: Routledge, 2008.

PIÑEIRO, Antonio; DEL CERRO, Gonzalo. *Hechos Apócrifos de los Apóstoles*. Edición crítica e bilíngue. Madri: Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), 2004/2005. 3 v.

SCHNEEMELCHER, Wilhelm (ed.). *The New Testament Apocrypha*: Writings Relating to the Apostles, Apocalypses and Related Subjects. Philadelphia: Westminster, 1965.

YARBROUGH, O. Larry. Paulo: o casamento e o divórcio. In: SAMPLEY, Paul, J. (org.). *Paulo no mundo greco-romano*: um compêndio. São Paulo: Paulus, 2008.